



Recortes da memória: uma discussão dos gêneros jornalísticos no Arquivo N, da Globo News¹

Umberlândia Alves CABRAL²

Wilfredo MALDONADO³

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

RESUMO

Discutir a questão do gênero jornalístico na televisão é cada vez mais complexo, tendo em vista a construção de novos formatos e o hibridismo pelo qual é marcado o telejornalismo. Mas o estudo desses gêneros se faz necessário para analisar o tipo de jornalismo praticado hoje pelas emissoras de televisão no Brasil. Este artigo tem o objetivo de analisar o programa *Arquivo N*, da Globo News, discutindo duas classificações de gênero e propondo uma nova, que mais se adequa ao formato do programa.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; gêneros jornalísticos; perfil.

1. Introdução

O jornalismo nasceu com o objetivo de informar os cidadãos sobre os acontecimentos políticos e sociais. O ano era 59 A.C. quando as autoridades de Roma emitiam a *Acta Diurna*, um apanhado desses fatos importantes do Império Romano. Apesar de os periódicos serem considerados tão velhos quanto Roma, o jornalismo de massa é um fenômeno recente, herdeiro da era Vitoriana. Ele foi resultado de uma melhora no sistema de ensino e na tecnologia. Os jornais encontraram seu público a partir do século XIX, quando houve a alfabetização generalizada. Segundo Lewis (2008, p.10), três milhões de crianças americanas estavam na escola em 1850.

Transformações na fabricação de papel e na tecnologia de impressão possibilitaram-se produzir muito, com baixo custo. Em 1827, por exemplo, o

¹ Trabalho apresentado no DT01 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: umberlandia.cabral@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: wilfredomaldonado@hotmail.com.



Times de Londres era impresso em uma única rotativa (em oposição às filas de hoje) à estonteante velocidade de cinco mil exemplares por hora. Contudo, o que se imprimia dificilmente podia ser chamado de “notícia”, no sentido de novidade, uma vez que grande parte do material era escrito à mão e mandado pelo correio.

O instrumento que trouxe instantaneidade aos relatos da redação foi o telégrafo elétrico, que permitiu acabar com o atraso de semanas com que às vezes uma notícia chegava a atingir o seu público. Assim, informações sobre guerras, política, arte, esporte, tragédias e assassinatos atingiam o receptor quase que instantaneamente ao fato.

Revolução ainda maior foi a chegada do rádio, meio de comunicação desenvolvido no fim do século XIX e que teve a sua primeira transmissão no Brasil em 7 de setembro de 1922. Era o centenário da Independência do Brasil e o então presidente Epitácio Pessoa teve um discurso transmitido para receptores instalados em Niterói, Rio de Janeiro e São Paulo, através de uma antena que estava no Corcovado. Neste mesmo ano, Edgar Roquette-Pinto montou com o cientista Henrique Morize “um pequeno transmissor experimental com o qual pôs-se a irradiar, pela sua voz, notícias do dia e música erudita destacada de sua coleção de discos” (SAMPAIO, 1987, p.112). Com isso, podemos dizer que o jornalismo já cumpria seu papel no rádio antes mesmo da instalação definitiva da radiodifusão no Brasil, que aconteceu em abril de 1923. A partir daí, o rádio participou de muitos momentos marcantes da história brasileira. Ajudou a derrubar regimes, como a República Velha, fez intensa cobertura da Segunda Guerra Mundial e desempenhou significativo papel no golpe militar de 1964 (ORTRIWANO, 2003).

A comunicação se tornou ainda mais democrática no Brasil em 18 de agosto de 1950, noite em que foi inaugurada a televisão no país. Depois de um grande concerto e dos discursos que marcaram a inauguração em São Paulo, a TV Tupi realizou diversas entrevistas com artistas, autoridades e técnicos. Além disso, também fez uma reportagem sobre os bastidores da emissora, com o objetivo de mostrar como funcionava a televisão. Nesta mesma data, o jornalista Maurício Loureira Gama apresentou uma crônica, intitulada “O que é que há?”, na qual analisava a política brasileira. Ali nascia o telejornalismo no Brasil, mas o primeiro telejornal do país foi *Imagens do Dia*, que era exibido às 21 horas, com apresentação de Luiz Resende. No entanto este ainda era um modelo de jornal muito rudimentar, com narração dos fatos e alguma ilustração feita com fotos ou pequenos filmes em 16mm. Ainda não existia uma



equipe de TV especializada para fazer a cobertura dos fatos. O locutor do telejornal lia apenas as matérias que os jornalistas dos meios impressos da mesma empresa (Diários Associados) traziam à redação. A causa dessa falta de recursos era a pouca importância que as emissoras de televisão davam, à época, ao jornalismo. As duas únicas emissoras do país (TV Tupi e TV Paulista) davam prioridade às apresentações musicais e ao teleteatro.

Esse quadro começou a mudar em 1953, com as câmeras de TV saindo para a cobertura dos jogos de futebol e para matérias externas, que eram raras e filmadas em câmeras de cinema de 16 mm. Já nessa época, os telejornais utilizavam imagens de arquivo, que as emissoras já começavam a montar, e também filmes emprestados por entidades culturais. Essas imagens quase sempre eram neutras em relação aos acontecimentos. Se, por exemplo, acontecia algum fato relevante em Paris, eram utilizadas imagens da capital francesa que não tinham necessariamente ligação com o acontecimento.

Muita coisa evoluiu no jornalismo televisivo dessa época até hoje. Os telejornais passaram a apresentar os fatos com uma rapidez, que às vezes até superaram a dos rádios. Passaram a utilizar links ao vivo, com o repórter direto no local do acontecimento. Isso tornou o jornalismo mais dinâmico e atrativo para o público, que se antes não dava tanta credibilidade às notícias apresentadas na televisão quanto às dos meios impressos, agora já tinha se adaptado.

Parte do avanço na conquista da credibilidade se deu a partir do aprimoramento das técnicas de reportagem e do investimento em telejornalismo, por parte das emissoras. Em 1972, 42% do orçamento da Rede Globo de Televisão eram destinados a programas noticiosos. No ano seguinte, mais da metade do Jornal Nacional, que é o principal telejornal da emissora, passou a ser ilustrado por filmes ou recursos com animação. De acordo com Borelli e Priolli (2000, p. 58), nessa mesma época, o Jornal Nacional se estabelecia como o primeiro lugar entre os dez programas mais assistidos no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Como nos diz Hamburger (apud BORELLI e PRIOLLI, 2000, p.63), o “Jornal Nacional ajudou a revolucionar o jornalismo e a TV brasileira. Apostando no aprimoramento técnico, introduzindo convenções formais que ditaram as normas do jornalismo durante décadas”.

Com todo esse sucesso de audiência do seu telejornalismo, não é de se estranhar a iniciativa da Rede Globo de montar uma emissora com a programação feita



exclusivamente de jornalismo. A Globo News nasceu em 15 de outubro de 1996 e foi a primeira emissora brasileira a transmitir jornalismo 24 horas por dia. Hoje sua programação é constituída por noticiários rápidos de até 30 minutos (como o factual *Jornal da Globo News*), programas jornalísticos reprisados da Globo (*Fantástico, Bom Dia Brasil, Globo Repórter, Profissão Repórter*, entre outros) e de programas exclusivos da emissora (Entre eles *Cidades e Soluções, Globo News Literatura e Estúdio D*). O *Arquivo N*, programa sobre o qual trata esse trabalho, é como define a própria emissora em seu site, “uma minuciosa pesquisa sobre fatos e pessoas que entraram para a história em um programa de imagens de arquivo inesquecíveis e emocionantes”. Trata-se, portanto, de um programa telejornalístico, onde as imagens de arquivo tomam quase o tempo todo de apresentação, com quase nenhum filme feito exclusivamente para o programa. Isso ao mesmo que levanta a questão dos gêneros e formatos jornalísticos aos quais o *Arquivo N* se enquadra também discorre a cerca da profundidade do perfil no telejornalismo.

2. Gêneros no telejornalismo

O estudo dos gêneros jornalísticos foi bastante questionado do ponto de vista científico. Todorov (1980, p.43) diria que ocupar-se dos gêneros do discurso “pode parecer atualmente um passatempo ocioso, quiçá anacrônico”. No entanto, a busca da identidade do jornalismo enquanto objeto científico tornou essencial a “sistematização dos processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação da atualidade”. (MARQUES DE MELO, 2003, p.36). Nesse sentido, a preocupação com os gêneros jornalísticos faz parte do esforço em compreender as propriedades discursivas.

O que constitui um ponto de partida seguro para descrever as peculiaridades da mensagem (forma/conteúdo/temática) e permitir avanços na análise das relações socioculturais (emissor/receptor) e político-econômicas (instituição jornalística/Estado/corporações mercantis/movimentos sociais) que permeiam a totalidade do jornalismo. (IDEM, p.37)

O estudo dos gêneros jornalísticos faz-se, portanto, necessário para a compreensão do próprio jornalismo e da forma com que a mensagem chega ao receptor. O processo de classificação desses gêneros começou ainda no princípio do século XVIII, quando o editor britânico Samuel Buckeley separou os textos do Daily Courant entre *news* e *comments*. Por causa das transformações tecnológicas e das alterações



culturais que sofrem as instituições jornalísticas, esta classificação tem experimentado mudanças bastante significativas. Como o jornalismo não tem um padrão definido no mundo todo, cada país tende a classificar seus gêneros de acordo com a sua cultura. Nos Estados Unidos, por exemplo, é comum a classificação em apenas dois gêneros: o *comment* e a *story*. Já nos países latino-americanos, a divisão dos gêneros jornalísticos costuma superar bastante esses números.

Contudo não podemos avançar na reflexão dos gêneros jornalísticos sem ao menos uma definição deles. Para Gargurevich, citado por Marques de Melo (1980, p.39), eles são “formas que busca o jornalista para se expressar”. “Seu traço definido”, diz Marques de Melo (idem), “está portanto no ‘estilo’, no manejo da língua: são ‘formas jornalístico-literárias’ porque seu objetivo é o ‘relato da informação e não necessariamente o prazer estético’”. Neste caso, os gêneros são descritos como formas de expressão jornalísticas, que têm um estilo definido e a obrigação de informar e não apenas agradar o público esteticamente.

Para Marques de Melo (1980, p.39), esse conceito ainda não é completo:

Essa dimensão encontra-se melhor caracterizada em Foliet que a define com “utilitária”, pois as diferenças entre os gêneros surgem da correspondência dos textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos gostos do público.

De acordo com essa definição, a essência do estilo jornalístico é relatar mesmo as matérias mais factuais com uma linguagem que utilize “todos os recursos expressivos e vitais, próprios e adequados para expressar a variadíssima gama do acontecer diário”. (MARTÍN VIVALDI apud MARQUES DE MELO, 1980, p.39). Se o estilo, que neste caso depende da relação do jornalista com o público, é que define os gêneros, está claro que a sua classificação depende dos universos culturais de cada região.

Colocada aqui as definições mais apropriadas ao tema, vamos à classificação dos gêneros jornalísticos, proposta por Marques de Melo (1980, p.63). Ele discute a classificação feita por Beltrão (1980), em que este apresenta os gêneros jornalísticos em três categorias: jornalismo informativo, jornalismo interpretativo e jornalismo opinativo. Marques de Melo (1980, p.63) propõe então uma classificação em que os gêneros se aproximem mais do conceito em que o jornalismo se articula em dois núcleos de interesse: a informação (saber o que se passa) e a opinião (saber o que se pensa sobre o que passa). Então Marques de Melo divide os gêneros jornalísticos em dois núcleos, que são o jornalismo informativo e o jornalismo opinativo. Exclui, portanto, tanto o



jornalismo interpretativo quanto o jornalismo diversional, “por não encontrarem ancoragem na práxis jornalística observada no país”. Todavia, Marques de Melo (1985, p.22) no livro *A opinião no Jornalismo Brasileiro* retoma a discussão do jornalismo diversional, definindo-o como um núcleo que engloba textos que “(...) fincados no real, procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens captados pelo repórter”. O mesmo autor também divide os gêneros que compõem o jornalismo diversional em história do interesse humano (narrativa que recorre a artifícios literários para humanizar os olímpicos) e história colorida (leitura impressionista, que identifica com detalhes enriquecedores os agentes principais e secundários em um acontecimento).

Quando se trata de telejornalismo, no entanto, essa classificação se torna mais complexa, devido à dinâmica com quem surgem novos formatos. Além disso, como diz Ana Carolina Temer (2009, p. 99),

o telejornalismo é contaminado por outros gêneros e formatos que não são necessariamente informativos, ao mesmo tempo que formatos e elementos do telejornalismo invadem outros espaços da programação da televisão, em um processo contínuo de hibridização de conteúdos.

Apesar da complexidade em definir os gêneros usuais no telejornalismo e da própria hibridização citada por Temer, vamos adotar aqui a classificação proposta por Rezende (2009). O seu estudo toma por base a classificação de Marques de Melo, já citada neste trabalho. Rezende reconhece a presença do jornalismo diversional e do jornalismo interpretativo e avalia que estes estão mais presentes em modalidades jornalísticas mais específicas como os documentários (*Globo Repórter*, *SBT Repórter*) e as revistas televisivas (*Fantástico*), onde há uma mistura de números musicais e dramatizações.

Rezende (2009, p.9) divide os programas jornalísticos em dois gêneros: o informativo e o opinativo. Cinco formatos pertencem ao informativo, são eles a nota (registro mais sucinto de um fato); a notícia (relato do acontecimento mais completo que a nota); a entrevista (sistema de perguntas e respostas); a reportagem (o relato mais completo do fato); e o indicador (matérias que usam dados objetivos, como a previsão do tempo, por exemplo). Do jornalismo opinativo, são três formatos que aparecem frequentemente na televisão: o editorial (opinião da emissora expressa geralmente lida pelo apresentador), comentário (análise feita por um jornalista especializado, a exemplo



dos comentários sobre economia feitos por Miriam Leitão no *Bom Dia Brasil*) e a crônica (mistura entre informação jornalística e produção literária).

Rezende (2009, p.9) ainda descarta o perfil como um formato do jornalismo interpretativo por, na maioria das vezes, não se apresentar como autônomo. “É usado como complemento de uma notícia, entrevista ou reportagem a respeito de alguma personalidade que faleceu ou conquistou algum prêmio ou título”. Do mesmo modo, a cronologia e o gráfico também são descartados porque “mais do que formatos, seriam recursos visuais e documentais para darem consistência a uma notícia ou reportagem”. Assim, nesta proposta, foram identificados oito formatos pertencentes a dois gêneros jornalísticos.

3. Arquivo N

Com em média trinta minutos por programa, o *Arquivo N* estreou na Globo News com o objetivo de relembrar fatos e pessoas que tiveram uma importância significativa na História. É feita um grande apanhado de imagens de arquivo, muitas vezes das entrevistas realizadas pela própria emissora, mas também de outros acervos.

O *Arquivo N* vai ao ar nas quartas-feiras às 23 horas e é reprisado várias vezes ao longo da semana, exclusivamente pela emissora Globo News. Embora seja exibido em um canal por assinatura, qualquer pessoa pode ter acesso ao acervo do programa, já que ele está disponível no site da Rede Globo. Neste trabalho foram analisados três episódios do *Arquivo N* que traçam os perfis de três personalidades distintas: o da cantora paulista Rita Lee, da filósofa francesa Simone de Beauvoir e do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade.

Independente do tema, o programa é sempre aberto com imagens de arquivo, para definir bem já no início quem é a pessoa ou fato que será discutido ao longo do episódio. Após esse filme inicial, a apresentadora do programa, Leilane Neubarth, aparece em stand up para descrever a pessoa perfilada pelo *Arquivo N*. A linguagem utilizada nessa apresentação se assemelha à da crônica jornalística, em que há um misto de informação com estilo literário. No episódio de Rita Lee, por exemplo, Leilane define a cantora assim: “Rita Lee Jones é capricorniana, tem sangue italiano e americanos misturados num caldeirão da paulicéia desvairada”. Esse discurso foge da objetividade jornalística e se aproxima mais da forma literária, embora descreva uma pessoa real.



Modelo da abertura do *Arquivo N*

Ao terminar o discurso de abertura do programa, às vezes o *Arquivo N* retoma ao filme inicial e outras vezes usa uma imagem distinta, em geral do próprio perfilado. No caso de Rita Lee, depois da abertura, o programa retoma a um vídeo raro do fim dos anos sessenta em que a cantora aparece cantando com Os Mutantes, a sua antiga banda. Depois são exibidos vários depoimentos com diferentes personalidades. É importante notar que enquanto em um documentário a produção tende a entrevistar a família, os amigos e às vezes o próprio personagem, o *Arquivo N* não mostra essa preocupação. Embora tenha depoimentos da própria Rita Lee e do seu marido, o músico Roberto de Carvalho, estes não foram colhidos para o programa, mas são imagens do acervo da emissora. Um dos únicos depoimentos colhidos exclusivamente para o episódio da cantora foi o do roteirista e diretor João Falcão, abrindo espaço para o questionamento do telespectador sobre a relação dele com Rita, o que não ficou bem explicada pelo programa. O outro depoimento foi de Henrique Bartsch, biógrafo de Rita Lee, o que naturalmente já justifica sua presença no programa. Muitas das imagens de arquivo apresentadas no programa sobre Rita são apresentações musicais da cantora, o que traz a esse formato jornalístico do programa um caráter mais de entretenimento.

No caso do episódio que perfila o poeta Carlos Drummond de Andrade, o único depoimento que foi colhido especialmente para o programa foi o do professor de literatura brasileira da USP Alcides Villaça. Uma das primeiras imagens deste *Arquivo N*, no entanto, é do cantor e compositor Tom Jobim lendo uma das poesias de



Drummond. Aliás, é de imagens do próprio poeta homenageado que o programa é quase todo preenchido, com várias entrevistas dele ao longo de sua carreira, além do uso de imagens do documentário “O Amor Natural”, de Hedy Honigmann.



Drummond em um de seus vários depoimentos usados no seu perfil traçado pelo *Arquivo N*

Outras vezes, enquanto suas poesias são recitadas pelo próprio poeta, as imagens são preenchidas por paisagens ou caricaturas e fotos de Carlos Drummond de Andrade e também por ilustrações de sua obra. Assim, os recursos utilizados para traçar o perfil do poeta mineiro são a entrevista com um especialista, que procura definir a vida e obra de Drummond, os depoimentos dele próprio e parte de suas poesias, além da imagem com Tom Jobim.

Já no episódio dedicado a Simone de Beauvoir, entre as imagens utilizadas estão a de mulheres dos anos 50 e 60, pertencentes ao acervo fonográfico do INA (Institut National de l'audiovisuel) e do filme francês *On ne nait pas femme...* - onde aparecem vários depoimentos da própria filósofa. É curiosa também a aparição de algumas propagandas dos anos 60 que retratam a mulher de forma submissa, em contradição ao pensamento feminista de Beauvoir. Outras imagens utilizadas são da peça “Viver sem tempos mortos”, estrelada pela atriz Fernanda Montenegro e que se baseia em um texto da francesa. A própria atriz fala em um vídeo de arquivo a sua visão sobre Simone de

Beauvoir, além da entrevista feita para o programa com uma doutoranda em filosofia, que busca explicar a obra mais célebre da autora, *O Segundo Sexo*.



Uma das propagandas dos anos 60 utilizadas para ilustrar a obra de Simone de Beauvoir

Embora sejam utilizados vários recursos para entreter o público, como trechos de filmes e propagandas, podemos dizer que a maior parte do *Arquivo N* é constituída de informação jornalística. Na medida em que entrevistas foram feitas para a explicação do livro e imagens da autora foram exibidas, é notável que o programa tem o formato e as estratégias discursivas próprias do telejornalismo.

4. Conclusão

Conforme vimos anteriormente, classificar os gêneros dos programas telejornalísticos hoje em dia não é tarefa fácil. E embora essa dificuldade seja fruto do próprio hibridismo de formato, podemos classificar o *Arquivo N* como pertencente à categoria jornalismo diversional. Como já foi explicado, José Marques de Melo divide essa categoria em dois gêneros: História do Interesse Humano e História Colorida. A primeira se trata de uma narrativa que usa artifícios literários para ilustrar ou humanizar



a representação da vida de uma personalidade. Já a *História Colorida* usa tons e matizes na reconstituição de acontecimentos noticiosos.

Podemos enquadrar o *Arquivo N*, portanto, no gênero História de Interesse Humano, por causa dos vários depoimentos, crônicas, poemas, músicas e propagandas publicitárias que são usados a cada programa para ilustrar melhor a vida do homenageado de cada semana. Estes recursos são utilizados dependendo da relação com a vida e obra de cada personagem. No programa dedicado a Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, vários trechos do *Arquivo N* são leituras de seus poemas. Vários depoimentos colhidos do próprio poeta servem no programa para humanizar a figura dele, para mostrar que ele era uma pessoa comum.

Segundo Lia Seixas, “com as novas mídias, as práticas discursivas passam a experimentar e produzir novos formatos, que podem se instituir ou não em novos gêneros”. Para discutir a respeito do formato ao qual o *Arquivo N* se enquadra, vamos utilizar a proposta feita por Rezende. Ao classificar os formatos utilizados no jornalismo informativo, o autor descarta o perfil, afirmando que na maioria das vezes este não é um formato autônomo. Para ele, o perfil não passa de um complemento de uma notícia, reportagem ou entrevista e é uma “matéria biográfica... extraída de uma pesquisa de texto, imagens de arquivo, entrevistas antigas e fotos” (PARTENOSTRO apud REZENDE, 2009, p. 9). Ora, se o único empecilho para não classificar o perfil como um formato do telejornalismo era de que, em grande parte das vezes, ele fosse só um complemento de uma matéria, agora com o surgimento do *Arquivo N*, essa classificação tende a mudar.

Rezende também afirma (2009, p.9) que o perfil se adequa ao jornalismo interpretativo. Nossa proposta, no entanto, é classificá-lo como jornalismo diversional, devido ao seu flerte com o entretenimento. No já citado programa dedicado a Rita Lee, muitos de seus videoclipes tomam conta da tela e do tempo do programa, trazendo, mais do que informação, diversão para o público e se aproximando também de programas de canais de música como o Multishow ou a MTV.

O *Arquivo N* dialoga, portanto, com programas de entretenimento e sua noção de espetáculo, além do discurso do campo disciplinar da História, mas é importante dizer que é o jornalismo se sobressai a tudo isso, visto que o programa tem a narrativa e o formato próprios do telejornalismo.



Referências

BORELLI, S.; PRIOLLI, G. **A Deusa Ferida**: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência. São Paulo: Summus, 2000.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Disponível em:< <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/126/126>>. Acesso em: 18 de outubro de 2012.

LEWIS, Jon E. **O Grande Livro do Jornalismo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. 331p.

OSTRIWANO, Gisela Swetlano. Radiojornalismo no Brasil: Fragmentos de História. *Revista USP*, São Paulo, n.56, p.66-85, dezembro/fevereiro 2002/2003.

REZENDE, Guilherme José de. Gêneros e Formatos Jornalísticos na Televisão Brasileira. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32. Curitiba, 2009. *Anais Eletrônicos*...São Paulo: Intercom, 2009.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.

SAMPAIO, Mario Ferraz. **História do Rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SEIXAS, Lia da Fonseca. **Mídia e Gênero Jornalístico**: O lugar do *médium* na definição do gênero discursivo jornalístico. Universidade Federal da Bahia, 2011/2012. Disponível em:< https://docs.google.com/document/d/1-cJ5TD08pp35nL9592GxLKSnVSQoPZQmG7tYVPXhs4c/edit?hl=pt_BR>. Acesso em: 20 de outubro de 2012.